LIT-QI

Correio Internacional

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

OS ESTADOS UNIDOS CONTINUAM EM UM PÂNTANO

No dia 30 de janeiro ocorreram as fraudulentas eleições para a Assembléia Constituinte do Iraque montadas pelos invasores imperialistas, encabeçados pelos EUA e pela Grã-Bretanha. Seu objetivo era desmontar (ou pelo menos reduzir) a feroz resistência militar que, com apoio massivo da maioria do povo iraquiano, cresce e se fortalece a cada dia, e disputa com os exércitos invasores o controle efetivo do país. Também buscavam, na medida do possível, conseguir um novo governo títere com maior base popular e, para isso, contaram com a cumplicidade das direções burguesas curdas, no norte do país, e de importantes setores do clero xiita, como o Aiatolá Ali Sistani (máxima autoridade dessa corrente religiosa no Iraque), que chamou o voto e respaldou uma das chapas participantes. Além disso, contaram com o apoio dos imperialismos alemão e francês (que não haviam concordado com a invasão do Iraque) e da ONU.

Todas as informações independentes (e inclusive de alguns meios imperialistas) parecem indicar que o imperialismo e seus cúmplices iraquianos fracassaram em seus objetivos. Para entender melhor esta avaliação, assim como o próprio caráter das eleições, é preciso partir de uma caracterização sobre a situação atual do Iraque.

UMA GUERRA DE LIBERTAÇÃO EM

A RESISTÊNCIA MILITAR conta com 40 mil a 60 mil combatentes

O que hoje vemos no Iraque é uma guerra de libertação com apoio das massas que encurrala de forma crescente os ocupantes. Expliquemos melhor. Em março de 2003 ocorreu no Iraque uma primeira guerra de ocupação. Nela, as tropas imperialistas dos EUA, da Grã-Bretanha e de seus aliados alcançaram uma rápida vitória militar sobre o exército iraquiano, derrubaram o governo e o regime de Saddam Hussein, dissolveram seu exército e instalaram um regime colonial, encabeçado por Paul Bremer (depois de um breve período do coronel Jay Garner), assentado nas tropas invasoras. Dentro desse regime tentaram formar diversos governos fantoches, como o do atual primeiro ministro Allawi (ex-agente da CIA), e construir um exército iraquiano fiel, até agora sem grande sucesso.

A partir desse momento teve início uma segunda guerra, a do povo iraquiano contra os invasores pela liberação do país, similar à do povo do Vietnã do Sul nas décadas de 1960 e 1970 ou à da resistência nos países ocupados pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial. Como disse um iraquiano ao jornalista americano Dahr Jamail: *"A invasão foi a guerra dos EUA contra o Iraque. Agora estamos vendo a guerra do Iraque contra os EUA"* (*Liberation*, 23/12/04). Essa é a guerra que vem crescendo e pondo cada vez mais contra as cordas as tropas invasoras e seus colaboracionistas iraquianos.

A RESISTÊNCIA MILITAR

O dados dos própios serviços de inteligência imperialistas estimam que a resistência militar conta com 40 mil a 60 mil combatentes. Se se consideram aqueles que lhes dão apoio logístico, a cifra supera os 200 mil integrantes. Eles são só a vanguarda da resistência, já que recebem o apoio massivo (e seguramente a cobertura) da ampla maioria do povo iraquiano. Na mesmo entrevista, Jamail diz que *"a maioria dos iraquianos considera os membros da Resistência como ´patriotas´ e ´combatentes pela liberdade´. Em uma estimativa muito conservadora, recebe hoje o apoio de pelo menos 80% da população. (...) As pessoas ovacionam quando outra base ou patrulha americana é atacada ou dança em júbilo sobre equipamentos militares americanos em chamas"*.

Trata-se de uma resistência muito ampla e heterogênea, formada por diversos setores religiosos e políticos que lutam contra a ocupação. Em linhas gerais, podemos considerar três setores. Um, composto pela oficialidade média e baixa do ex-exército iraquiano, majoritariamente sunita, que se passou à clandestinidade depois da invasão, levando consigo uma parte do arsenal militar. É considerado o setor de maior capacidade militar. O segundo são os grupos organizados por frações religiosas ou políticas, como a Aliança Patriótica ou o exército Mahdi, do clérigo xiita al-Sadr. Finalmente, há um setor muito grande de pessoas comuns que se somou a essa luta depois da invasão e de sofrer suas consequências. *"A maioria de seus membros são (...) fundamentalmente pessoas que se limitam a resistir à ocupação de seu país por uma potência estrangeira. São pessoas que tiveram familitares mortos, presos, torturados e humilhados pelos ocupantes ilegais de seu destroçado país"* (entrevista citada).

Apesar da tentativa do imperialismo de usar as barreiras religiosas entre xiitas e sunitas, que se intensificaram com as perseguições da ditadura de Saddam, a ação dos diversos grupos começa a unificar-se e a avançar em uma ação centralizada ou, pelo menos, de colaboração entre suas diversas alas. *"Durante o cerco à Najaf xiita as mesquitas sunitas organizaram coletas de alimentos, e combatentes sunitas forneciam armas e munições ao exército de Mahdi. Durante o cerco a Faluja em abril passado os xiitas contribuíram decisivamente com ajuda e participaram em uma ação pacífica que possibilitou que alguns víveres pudessem atravessar um cordão americano e chegar até a cidade"*, disse Jamail.

AS AÇÕES MILITARES

Estima-se que a resistência está produzindo em média 100 fatos diários, que incluem verdadeiras insurreições militares, como as de Faluja e Najaf, operativos organizados contra as tropas invasoras, policía e o exército oficial, até atentados suicidas individuais com bombas. Isto confirma a massividade da resistência e o ódio popular contra os invasores e seus cúmplices. O jornalista inglês Robert Fisk calcula que nos últimos 12 meses ocorreram 190 atentados suicidas, uma cifra que quadruplica o que ocorre na Palestina em e Israel.

Essas ações militares provocaram a morte de 1.300 soldados americanos e cerca de 10 mil feridos, assim como uma cifra mais difícil de estimar de mortos e feri-

Soldados norte-americanos feridos no ataque a uma ba

O IRAQUE JÁ É O VIETNÃ

A crescente resistência militar questiona cotidianamente o poder dos invasores e limita ao máximo o controle que exercem sobre o país. *"Quando viajei 112 quilômetros ao sul de Bagdá, em agosto último, só vi postos de controle abandonados ao longo das estradas cheias dos restos queimados de caminhões americanos e veículos policiais. Na verdade, com todos os seus milhões, seus soldados, seus serviços de inteligência e seus informantes, os invasores nem sequer podem controlar as principais ruas de Bagdá"*, lembra o jornalista Robert Fisk. Até agora, em relação ao Iraque, tem se falado do "fantasma de Vietnã". É preciso corrigir essa frase. A situação atual do Iraque já é comparável à desse país na segunda metade da década de 1960. Em vários aspectos. Primeiro: uma invasão militar que enfrenta uma resistência armada crescente, com apoio massivo, e está sendo derrotada, no sentido de que não consegue avançar (e, em muitos casos, retrocede) para obter um controle efetivo do país. Segundo: a ficção eleitoral que pretende travestir de "democracia" essa invasão. O reflexo dessa ficção na imprensa americana tem semelhanças surpreendentes com o Vietnã *(ver box)*. Finalmente, a situação é similar na crise e na divisão que começa a corroer as tropas invasoras. Vejamos isto mais de perto.

Militares americanos enfrentam outro Vietnã

A CRISE NO EXÉRCITO AMERICANO

Como conseqüência inevitável de uma invasão que enfrenta uma resistência armada com apoio massivo, todo habitante do país ocupado (homem, mulher, ancião ou criança) é um inimigo potencial, que precisa ser derrotado porque não entende que "viemos para libertá-los". É necessário, então, apelar para métodos cada vez mais cruéis: milhares de "suspeitos" presos, torturas, violações, ataques genocidas contra populações desarmadas. Estima-se em mais de 100 mil vítimas civis iraquianas devido à invasão e a ocupação. Mas cada um desses fatos aumenta o ódio ao invasor e o apoio à resistência e, com isso, a necessidade de aprofundar esses métodos, em uma espiral infernal, sem perspectivas de ganhar a guerra.

Ao mesmo tempo, cada vez mais soldados se negam a continuar nessa loucura. A divisão entre aqueles que entram na dinâmica genocida impulsionada pelos comandos e os que se quebram (por medo ou por consciência) se acentua. Jamail conta que, em seus contatos com soldados americanos, *"descobri que a maioria deles estavam muito assustados e que sua moral dependia do tempo em que estavam aqui. Os que acabavam de chegar se mostravam arrogantes e seguiam as ordens. Os que estavam aqui há 6, 9 ou 12 meses demonstravam impaciência, apontavam suas armas contra qualquer pessoa e, às vezes, estavam drogados. Não quero generalizar e não digo que todos estivessem assim. Mas vi muitos que estavam, e me lembrei de tudo o que havia lido sobre o que ocorreu com a psiquê dos soldados americanos no Vietnã"*.

Por isso, cada vez mais soldados americanos se recusam a ampliar sua permanência, depois de cumprir o primeiro ano de contrato. Nos EUA, muitos se negam a ir para o Iraque: já existem mais de 5 mil desertores e um crescente de "objetores de consciência". Também caiu drasticamente o número de recrutamentos-contratos, o que dificulta uma substituição eficaz das tropas no Iraque que, como vimos, decaem sua moral na medida

ASCENSO

se em Mossul

dos entre os iraquianos colaboracionistas, que exercem cargos políticos ou são membros do atual exército e da polícia.

Esses colaboracionistas gozam de um ódio muito profundo por parte da população e são também um alvo militar mais frágil. *"As ´forças de segurança´ iraquianas, a polícia e a guarda nacional são consideradas pela maioria da população como cupinchas do exército americano. A maioria das pessoas os consideram colaboradores e traidores. Apesar das pessoas compreenderem que muitos dos integrantes dessas forças se envolveram nelas por puro desespero pela falta de postos de trabalho, continuam odiando-os como odeiam as tropas de ocupação estrangeiras"*, afirma Dahr Jamail). Não é por acaso que pouco antes das eleições tenham sido assassinados o prefeito de Bagdá e o segundo chefe da polícia. São ações legítimas da resistência contra os invasores e seus colaboradores.

Existem também outras ações de origem duvidosa e metodologia condenável: sequestros e decapitação de pessoal subalterno de empresas estrangeiras, sequestros de trabalhadores voluntários ou jornalistas estrangeiros (inclusive de jornais de esquerda, contrários à ocupação) ou atentados contra a população xiita em mesquitas ou festas. A maioria deles são atribuídos a uma fantasmagórica organização liderada por al-Zarqawi (supostamente vinculada à Al-Qaeda, de Bin Laden), com muito espaço na imprensa imperialista. Exista ou não essa organização, muitos jornalistas independentes crêem que esses atentados são, na verdade, impulsionados (quando não diretamente organizados) pela CIA, com o objetivo de desprestigiar a resistência no exterior, especialmente dentro dos EUA, e de manter a divisão entre xiitas e sunitas dentro do Iraque. Os meios de comunicação americanos justificaram o ataque a Faluja "para buscar esses grupos". Mas, como vimos, a imensa maioria da resistência não tem nada a ver com esses métodos e sua violência é a justa resposta contra a cruel invasão de seu país, o roubo de suas riquezas e a tortura de seus habitantes.

JÁ SÃO MAIS DE
5 mil desertores nos Estados Unidos

em que se amplia sua permanência. Esta crise afeta não só os soldados contratados como também os veteranos militares de carreira. Um exemplo, entre muitos outros, é o do sargento Jimmy Massey (com doze anos na Marinha), transformado em "objetor de consciência". Frente aos crimes cometidos por sua unidade (incluindo o assassinato de crianças) disse: *"Estamos cometendo um genocídio no Iraque"*. Como expressão dessa crise, surgiram organizações como *As famílias dos militares falam claro* (integrada por familiares de soldados que combatem no Iraque) e *Soldados veteranos contra a guerra*, que exigem o retorno imediato das tropas. É importante recordar que a crise, a queda na moral e a divisão das tropas dos EUA foram alguns dos fatores centrais que contribuíram para a derrota do imperialismo americano no Vietnã.

Um processo ainda mais acentuado ocorre entre as forças de segurança nacional. O profundo ódio que recebem de seu povo é tal que não podem andar sozinhos com uniforme pela rua e são instruídos para que não digam em seus bairros qual é seu "trabalho". Quando sofrem atentados, são tratados por seus patrões imperialistas como vítimas de segunda classe: enquanto os soldados americanos feridos gravemente são enviados para a Europa ou EUA para serem atendidos, eles devem conformar-se com os hospitais iraquianos, quase desmantelados e sem recursos. É o caso de um coronel da polícia iraquiana, gravemente ferido em um atentado durante as recentes eleições, que não pôde ser atendido nesses hospitais. Sua mulher se lamentava: *"Pedi a ele que não abandonasse a casa, que não obedecesse aos americanos. Mas lhe disseram que devia morrer com seus compatriotas! Deus os castigue pelo que fizeram a meu marido! Deus os castigue pelo que fizeram ao Iraque!"*.

ELEIÇÕES FARSESCAS E FRAUDULENTAS

BUSH APOSTOU nas eleições para tentar reverter a situação crítica que enfrenta no Iraque

Eleitores compareceram às urnas com medo de serem eliminados das listas de distribuição de alimentos

Nesse contexto, Bush foi, em grande medida, obrigado a jogar a carta da armadilha eleitoral para tratar de reverter a dificílima situação político-militar que enfrenta, com os objetivos que relembramos no início deste artigo. Dissemos também que ele contou com o apoio do imperialismo europeu e a cumplicidade da direção burguesa curda e dos religiosos xiitas.

Foram eleições absolutamente fraudulentas e ilegítimas, sem qualquer tipo de garantias democráticas. Eleições que mereceram apenas o chamado ao repúdio e ao boicote, como fizeram grande parte das organizações dentro e fora do Iraque. Em primeiro lugar, porque foram impulsionadas pelos invasores e realizadas com sua custódia armada. Em segundo lugar, porque ninguém conhecia a lista de votantes utilizada, os nomes da maioria dos candidatos eram "clandestinos" (por temor aos atentados da resistência) e não havia qualquer possibilidade de controle independente da votação. Somam-se as ameaças da resistência de fazer atentados nos locais de votação. Inclusive, em 4 das 14 províncias iraquianas, as eleições nem sequer puderam realizar-se.

AS ELEIÇÕES foram realizadas sem qualquer tipo de garantias democráticas

Nossa impressão é que fracassaram em sua própria realização. Vários dias depois de realizadas, a cifra de votantes continua sendo um mistério. As informações oficiais falaram primeiro em 70% dos inscritos, depois 60% e depois 50%. Safwat Rashid, membro da Comissão Eleitoral Independente, alertou os observadores para que não interpretassem muito os resultados: *"Só Deus Todo-poderoso sabe, neste momento, quais são as cifras finais de participação"*. Quase uma piada. O jornalista espanhol Pascual Serrano calcula que, se aceitarmos a cifra de 60% de votantes sobre a lista eleitoral e se considerarmos que foram inscritos nessa lista 60% da população com direito de voto, o resultado final é que só votaram 35% dos cidadãos iraquianos. Isso significa que, seja por convicção política ou medo dos atentados, quase dois terços da população iraquiana boicotou as eleições.

Mas, inclusive sobre a parcela que votou, é preciso considerar outro elemento: *"Muitos iraquianos denunciaram que as autoridades lhes negavam sua ração de comida se não votassem e demostravam que o haviam feito"* disse Jamail. Os censos eleitorais foram elaborados a partir das listas de distribuição de alimentos, das quais dependem, para comer, milhões de iraquianos.

AS ELEIÇÕES REAIS

Pelas informações disponíveis, nossa primeira avaliação é que os sunitas (30% da população), boicotaram massivamente as eleições, os xiitas (60%) se dividiram e, seguramente, um alto número de curdos (10% da população) votou. Mas esses números merecem uma análise mais profunda.

Os 30 milhões de curdos são o maior povo do planeta sem Estado próprio. Estão divididos em vários países (entre eles, Iraque, Irã e Turquia) e sempre lutaram por unificar-se em seu próprio país independente, sendo duramente reprimidos pelos governos dos países em que habitam. No Iraque vivem cerca de 3 milhões, e são majoritários no norte. Oprimidos e reprimidos por Saddam, suas direções burguesas (Talabani e Barzani), fizeram um pacto com os americanos e apoiaram a invasão, em troca de uma certa autonomia, autoridades locais e forças de segurança próprias. É a zona menos afetada por atentados. Mas a cidade mais importante do Curdistão (a terceira do Iraque), o centro petroleiro de Mossul (com uma forte minoria sunita), depois do assalto a Faluja passou a ser uma das mais afetadas por ações contra os ocupantes e seus cúmplices. Na outra cidade importante, Kirkuk, passa um grande oleoduto, constantemente atacado.

De certa forma, no Curdistão iraquiano, o plano americano de conseguir uma autoridade local dócil teve êxito. Mas esse "êxito" contém um foco potencial de conflito muito grave para o futuro. Na Turquia, os curdos vivem no sul, perto da fronteira com o Iraque. Por isso, o governo turco (tradicional aliado dos EUA na OTAN) não apoiou a invasão e negou acesso ao país às tropas invasoras. Seu temor é que a autonomia dos curdos iraquianos incentive a rebelião do Curdistão turco e ameaça invadir o norte do Iraque ante o menor indício desse processo. Condoleeza Rice, secretária de Estado do governo Bush, acaba de viajar à Turquia para tentar tranqüilizar seus governantes sobre esse tema.

No caso dos xiitas (seguramente o setor mais importante que o imperialismo queria ganhar para as eleições), votou, no melhor dos casos, entre 40 e 50%. Ou seja, pelo menos a metade deles desobedeceram ao chamado de sua máxima autoridade religiosa, Ali Sistani. Mas a metade que votou o fez enganada por seus dirigentes, convencida de que a eleição servia para avançar na retirada dos invasores e na liberação do Iraque. *"Tahrir (independência) é a palavra pela qual muitos votaram no domingo; não pela 'democracia', como querem os meios de comunicação ocidentais, e sim pela liberdade: para ser livres para falar, votar; para livrar-se dos americanos"* testemunha Robert Fisk (*La Jornada*, 2/2/05). *"Os que votaram não o fizeram em apoio a uma continua ocupação de seu país pelos EUA. Na verdade, votaram justamente pela razão oposta. Cada votante com quem falei, me explicou que achava que a Assembléia Nacional que será formada logo significará o fim da ocupação. E esperavam que o chamado à retirada das forças estrangeiras de seu país ocorra o mais rápido possível"*, reforça Dahr Jamail. Assim dizem os enganadores cartazes eleitorais: *"Irmãos iraquianos, o futuro do Iraque está em suas mãos. As eleições são o meio ideal para expulsar os ocupantes"*.

O NOVO GOVERNO será títere ou, na melhor das hipóteses, prisioneiro dos invasores

Nesse marco, apesar da precariedade dos dados, indicava-se que a Aliança Unida Iraquiana (respaldada por Ali Sistani) superava amplamente a coalizão eleitoral de Allawi, com as outras chapas muito mais atrás. De modo que os seguidores de Sistani terão a maioria na futura Assembléia Nacional e no futuro governo.

Mas esse futuro governo, longe de ser um passo para a independência iraquiana, será um novo governo títere ou, no melhor dos casos, prisioneiro dos invasores. Prova disso é que o subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz, informou a senadores em Washington que os EUA retirarão em breve 15 mil soldados do Iraque. No entanto, ainda permanecerão 135 mil soldados, um nível que o Pentágono planeja manter até o final do ano.

Não é por acaso que na chapa apoiada por Ali Sistani apareça o atual ministro da Fazenda iraquiano, Abdel Mahdi, que prometeu aprovar uma nova lei que abriria a companhia nacional de petróleo do Iraque ao investimento privado estrangeiro, fato muito promissor para os negócios dos EUA e, certamente, para as petroleiras.

Ao mesmo tempo, Sistani e seus adeptos precisarão responder às expectativas e pressões do povo xiita: dos que não votaram e, mais ainda, dos que o fizeram. Esses exigirão a saída dos americanos e a independência do país. Mas essas expectativas serão rapidamente frustradas e levarão ainda mais iraquianos a somarem-se à luta contra o invasor e seu governo títere.

AS PERSPECTIVAS

Por tudo isso, cremos que o imperialismo fracassou nos seus objetivos com as eleições. Em grande medida, parece haver queimado a "cartada xiita" sem resultados promissores à vista. A resistência não se deteve: no dia das eleições, seus atentados deixaram 50 mortos (cinicamente definida como "razoável" pelos invasores). Nos três dias seguintes, foram mortos 26 policiais iraquianos e dois soldados americanos. Ao mesmo tempo, as condições de vida do povo iraquiano são e continuarão sendo terríveis: o desemprego chega a 70%; a fome e as doenças deixam centenas de vítimas; nada funciona: na maior parte de Bagdá só há quatro horas diárias de eletricidade e, como uma cruel ironia, em um país que repousa sobre o petróleo, é difícil conseguir gasolina.

Tudo indica, então, que a guerra de libertação do povo iraquiano crescerá cada vez mais. Nesse sentido, no Iraque se desenvolve a batalha mais importante da luta de classes mundial hoje. Uma derrota do imperialismo aí (como no Vietnã), enfraquecerá nosso inimigo e incentivará as lutas dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo. Como em toda guerra de libertação, os revolucionários devem ter um campo claro no qual se localizar: o da resistência militar aos invasores imperialistas. Por isso, a **LIT-QI** apóia incondicionalmente a luta militar da resistência iraquiana, apesar de manter as críticas políticas às suas direções. Estamos pela derrota política e militar do imperialismo e seus colaboradores iraquianos e por sua expulsão. Viva a resistência iraquiana! O Iraque para os iraquianos!

TODOS ÀS MOBILIZAÇÕES DE 19 E 20 DE MARÇO

A solidariedade com a luta do povo iraquiano é essencial para sua vitória. Para os dias 19 e 20 de março (segundo aniversário da invasão imperialista) foi convocada uma jornada mundial de mobilizações exigindo a imediata retirada das tropas invasoras. Esse movimento abarca um amplo espectro de organizações e setores que vão desde as que têm posições pacifistas "puras" ou apóiam uma saída negociada das tropas (similares, pela "esquerda" às posturas do imperialismo francês ou europeu) até as que, como a **LIT-QI**, *apóiam incondicionalmente a resistência iraquiana e impulsionam a derrota das tropas invasoras.*

Nesse sentido, não só continuaremos com o debate e a crítica daquelas posições que citamos, como participaremos nas mobilizações, defendendo nossas posições. Ao mesmo tempo, a **LIT-QI** *chama a desenvolver a mais ampla unidade de ação para realizar nos dias 19 e 20 de março gigantescas marchas de solidariedade e apoio à luta do povo iraquiano.*

A HISTÓRIA SE REPETE

A imprensa imperialista mostra as eleições realizadas no Iraque como um "triunfo da democracia sobre o terrorismo". Num artigo ao jornal *New York Times*, o jornalista Peter Grosse ressalta a extraordinária semelhança de terminologia com as notícias publicadas sobre as eleições no Vietnã do Sul em 1967, pouco antes de a *Frente de Libertação do Vietnã* (Vietcong) lançar a ofensiva do Tet, que deu início à derrota americana.

Dizia o *New York Times* em 1967: *"Funcionários dos Estados Unidos ficaram surpresos e reconfortados hoje com a dimensão da participação nas eleições presidenciais do Vietnã do Sul, apesar de uma campanha terrorista do Vietcong para perturbar a votação. Segundo informes de Saigon, cerca de 83% dos votantes registrados depositou seu voto ontem. Muitos deles se arriscam a sofrer represálias do Vietcong. A dimensão do voto popular e a incapacidade do Vietcong de destruir a maquinaria eleitoral foram os dois fatos destacados em uma avaliação preliminar da eleição baseada em resultados incompletos. (...) Uma eleição vitoriosa foi considerada como fundamental para a política do presidente Johnson de alentar o crescimento dos processos constitucionais no*

The New York Times

Defying Threats, Millions of Iraqis Flock to Polls

BUSH HAILS VOTE

ATTACKS KILL 35

Vietnã do Sul. (...) O propósito da votação foi legitimar o governo de Saigon, que se assenta sobre golpes e corrupção desde novembro de 1963 (...) se espera que o novo governo possa manobrar com uma confiança e legitimidade que falta há muito tempo na política sul-vietnamita. Esta esperança poderia haver sido afetada, seja por uma limitada participação, que indicaria uma indiferença generalizada, por uma falta de interesse no processo constitucional, ou pela perturbação da votação pelo Vietcong. (...) Documentos capturados e interrogatórios indicaram na semana uma séria preocupação entre os dirigentes do Vietcong de que seria necessário um grande esforço para fazer com que a eleição perdesse significado. O esforço não teve êxito, a julgar pelos informes de Saigon".